

O SIGNO HOMOFOBIA E SUAS CAUSAS NA SOCIEDADE

Tayrine Correia de Freitas¹, Edinho Benésio Santos²

¹Aluna do Técnico em Agropecuária, Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal do Tocantins, Campus de Colinas do Tocantins E-mail: tayrinecf@gmail.com

²Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Tocantins, Campus Palmas do Tocantins, professor do Instituto Federal do Tocantins, Campus de Colinas do Tocantins E-mail: benesio@hotmail.com

Resumo: O presente artigo visa entender a homossexualidade e a homofobia por meio de conceitos filosóficos, demonstrando como o signo homofobia age na sociedade, bem como suas causas práticas e cruéis, além de ser um conhecimento que não pode ser camuflado. O estudo também visa entender como alguém se torna homofóbico e como há uma visão ingênua e ignorante sobre o tema, o que culmina em uma intolerância na sociedade, manifestada no horror e na violência.

Palavras-chaves: Homofobia, Homossexualidade, Signo, Violência

1 INTRODUÇÃO

A homossexualidade atualmente vem conquistando espaço através do ativismo, tornando-se cada vez mais naturalizada. Mas há outra face dessa questão, que é a homofobia. De acordo com o dicionário comum, homofobia é entendida como ódio ou aversão a gays, lésbicas e transexuais, mas nem sempre foi assim.

Ao fazer um apanhado histórico percebe-se que a homossexualidade está presente desde as primeiras civilizações. Na Mesopotâmia, Egito e Grécia Antiga há registros de relações homossexuais em vasos e escritos, não vistos de maneira preconceituosa.

A partir da Idade Média esse cenário se altera. É nesse período que a Igreja é a instituição que faz a opinião popular, sendo inquestionável. Essa instituição acreditava e propagava uma moral cristã em que os prazeres carnavais eram pecado e que eles distanciavam a pessoa de um plano divino. Portanto a sexualidade era vista unicamente com a função de reprodução, o que obviamente não acontece em relações homossexuais. Juntando-se ao respaldo de textos bíblicos que condenavam tais relações, a Igreja e todo povo passaram a demonizar a homossexualidade, inclusive chegando ao ponto de serem feitas punições e até mesmo a morte pela Santa Inquisição. Difundiu-se assim uma satanização da homossexualidade inclusive para as colônias europeias por meio da expansão marítima.

Já no século XIX, inicia-se uma abordagem médica da homossexualidade, que culminou não apenas numa visão demonizada, mas também vista pela medicina higienista como uma doença. Além de se ter espalhado popularmente que tais práticas disseminavam doenças e acabavam com a moral, os bons costumes e a família. Neste período são criados os termos “homossexualismo” e “heterossexualidade”, sendo esta última como o natural e o outro como uma patologia.

Aproximando-se da contemporaneidade, no século XX os homossexuais lutaram pelos seus direitos e foram gradativamente e com muita repressão conquistando espaço e mudando a visão que estigmatizada que se tinha deles. No final deste século a homossexualidade deixou de ser considerada doença pela OMS, e

paralelamente houve uma crescente movimentação a favor dessas minorias no mundo inteiro, inclusive no Brasil, que tem a considerada maior parada LGBT do mundo desde 2004.

Apesar de todo seu histórico de conquistas, ainda há um forte preconceito naturalizado e que age muitas vezes de forma camuflada, inclusive contida em todas as culturas. Ainda há pessoas sendo impedidas de viver livremente por serem homossexuais, sendo mortas e violentadas simplesmente por serem essas minorias. É por isso que é preciso explorar ainda mais o tema, já que muitas vezes parece uma causa vencida, o que não é verdade. Estudar, interpretar e entender sobre homofobia e homossexualidade é ponto chave para que o preconceito seja uma página passada da história do homem.

Com o presente trabalho, visa-se demonstrar os efeitos e consequências que o signo homofobia causa na sociedade e no indivíduo. Será demonstrado como tal signo pode ser arrasador e cruel, muitas vezes visto com ingenuidade. Para isso, serão utilizadas as visões de alguns filósofos sobre o tema, bem como usar signo como uma forma de conhecimento que não pode ser camuflado

2 MATERIAL E MÉTODOS

Para o presente trabalho, foram utilizados os livros Proust e os signos de Deleuze para compreender o termo signo como uma especificidade da matéria e o signo como diferença e alteridade, além da ideia da busca da verdade como algo não inerente ao ser.

Outro filósofo estudado foi Michel Foucault, com suas obras *Microfísica do poder* e *História da Sexualidade*, para entender acerca de sua concepção da homossexualidade e como isso está ligado a algo que ele denominou dispositivo e que é um discurso dominante que influencia nas escolhas individuais dos seres humanos.

Também foram consultados bancos de dados sobre a violência cometida contra a comunidade LGBT no Brasil e no mundo, com resultados de órgãos governamentais e não governamentais para somar com a parte teórica que o trabalho é focado

3 ENTENDIMENTO DE HOMOFOBIA E HOMOSSEXUALIDADE

3.1 Homossexualidade na visão de alguns autores filósofos

Para compreender a visão de Foucault acerca da homossexualidade, é preciso compreender o denominado “dispositivo da sexualidade”. Em suas palavras:

Através deste termo [dispositivo] tento demarcar [...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes termos (FOUCAULT, 1996, p. 244).

Em suma, este dispositivo é o meio pelo qual a sexualidade é produzida e regida, assim como o ato sexual é disciplinado. Ou seja, em contextos específicos, em determinados momentos históricos, foi

necessário criar-se uma moral ou uma política de acordo com a demanda social. Tal moral/política é quem dita o que deve ou não ser praticado, influenciando naqueles que não se desprenderam do dispositivo nas construções individuais referentes aos prazeres.

Em seu livro *História da Sexualidade*, Foucault mostra que é possível não se sujeitar aos poderes estabelecidos e legitimados pelos discursos dominantes, bem como defende a ideia de que quanto mais falamos sobre sexo, mais o reprimimos. Portanto a homossexualidade surge aqui como uma forma de não se submeter ao discurso dominante. A grande questão não é descobrir a verdade em si sobre seu sexo, mas sim usar da sexualidade para chegar a uma multiplicidade de relações. Logo este é o motivo pelo qual a homossexualidade não é uma forma de desejo, mas algo desejável. Para Foucault temos que nos esforçar em reconhecer que somos homossexuais, e não nos obstinarmos a isso, sendo isto algo transformador, pois é um cuidado de si alheio a heteronormatividade dominante.

De forma mais contundente, para o autor, as pessoas não se inquietam porque ali há uma relação que foge das leis ou da natureza, mas porque os indivíduos começam a se amar. Todo o dispositivo e as instituições entram em colapso, são dominadas e perturbadas. Os códigos institucionais não podem validar estas relações das intensidades múltiplas, das cores variáveis, dos movimentos imperceptíveis, das formas que se modificam. Estas relações instauram um curto circuito e introduzem o amor onde deveria haver a lei, a regra ou o hábito. |

Simone de Beauvoir é outra autora que estudou principalmente sobre gênero e como a sociedade era responsável pela construção dos indivíduos, a chamada socialização. Daí vem sua famosa frase “não se nasce mulher, torna-se”. Isso porque o ser humano nasce livre de estereótipos, mas durante toda sua vida ele é ensinado como deve se portar, agir, bem como qual papel ele deverá desempenhar na sociedade. Em suma, toda sua vida é basicamente traçada de acordo com o sexo biológico em que nasceu.

Um aspecto notório dessa socialização, seja em homens ou em mulheres, é a heterossexualidade compulsória. Ou seja, todos são levados a crer que o normal é a relação entre homem e mulher, este é o ponto base da sexualidade humana. Obviamente dessa socialização é que surgem os preconceitos não só com os outros, mas para consigo. Muitas pessoas são tão afetadas pela socialização que reprimem seus desejos voluntária ou involuntariamente. Para Simone a homossexualidade é tão limitante quanto a heterossexualidade, sendo o ideal ser capaz de amar qualquer ser humano, sem sentir medo, inibição ou obrigação.

3.2 O signo homofobia

Deleuze é um filósofo francês que se preocupava com a filosofia como uma construção de conceitos. Um dos autores que faz parte de seus estudos é Marcel Proust com a obra *À La recherche du temps perdu*, que vem de encontro com o conceito de signos que Deleuze discorre em sua análise Proust e os signos.

Em sua obra o autor define signos como especificidades que constituem a matéria desse ou daquele mundo. Além de demonstrar de forma convincente como o “Eu”, ou a pretensa autarquia da consciência nada

mais é do que uma apropriação de conceitos mais básicos e primitivos, sendo inclusive até certo ponto despótico. Aqui o conceito de aprender é o mesmo que decifrar e decodificar signos, chegando a sua essência e a sua verdade. Mas segundo Deleuze, o homem não tem o desejo do verdadeiro, só o fazem quando sofrem uma violência que o leva a essa busca. Para ele falta a necessidade às verdades intelectuais.

Logo podemos interpretar o signo homofobia não como algo que nasce com a pessoa, mas que se aprende, é uma apropriação, assim como descrito em Deleuze. Aprende-se desde as primeiras instituições que o ser faz parte, como a família, igreja, escola, nas ruas, em piadas camufladas, naturalizado na cultura.

Para alguém sair da bolha da homofobia, não há um interesse genuíno de estudar sobre o objeto de seu ódio. O indivíduo permanece preconceituoso por não ter conhecimento sobre a homossexualidade como algo normal, o desconhecido é alvo de incompreensão e ódio. Novamente como em Deleuze, o homofóbico não o deixará de ser até o momento que sofra alguma violência intelectual que o leve a questionar suas concepções e a partir desse ponto iniciar uma busca pela verdade.

3.3 Homofobia na prática

Até aqui foi possível compreender como a homofobia está incrustada na cultura e na sociedade, e que apesar de estudos revelarem que homossexualidade é algo natural, porém transformado ao longo da história em uma forma de dominação, ainda há muita violência para com essa minoria.

Ainda hoje existe a chamada homofobia de Estado, em que pessoas homossexuais são consideradas criminosas, sendo inclusive sujeitos a pena de morte. Segundo a associação internacional ILGA (International Lesbian, Gay, Bisexual, Trans and Intersex Association), que monitora as leis relacionadas ao tema há 11 anos, relações entre pessoas do mesmo sexo são consideradas crime em 73 países, sendo que 13 preveem pena de morte, um equivalente a 37% do total de Estados membros na ONU. Destes países, 45 aplicam as leis a homens e a mulheres, o restante aplica somente a homens.

No Brasil, apesar de terem leis que protegem o cidadão de forma geral, não há uma lei específica que criminalize a homofobia. Mas o cenário de violência no país é alarmante. Segundo a Secretaria de Direitos Humanos, em 2012 foram registrados pelo poder público 3.084 denúncias de 9.982 violações relacionadas ao público LGBT, envolvendo 4.784 vítimas e 4.784 suspeitos. No ano de 2012, foram reportadas 27,34 violações de direitos humanos de caráter homofóbico por dia. A cada dia, durante o ano de 2012, 13,29 pessoas foram vítimas de violência homofóbica reportada no País. Entre as vítimas das denúncias, em que pese os altos índices de desconhecimento sobre a identidade de gênero das mesmas, 60,44% foram identificadas como gays, 37,59% como lésbicas, 1,47% como travestis e 0,49% como transexuais.

Em dados mais recentes, o cenário ainda é preocupante. Segundo o Grupo Gay da Bahia, no ano de 2016 foram assassinadas 343 pessoas LGBT no Brasil. A cada 25 horas um LGBT é assassinado no país, superando o número de mortes dos 13 países em que relações homossexuais são crime, colocando o Brasil como campeão mundial de crimes contra minorias sexuais. Tais mortes crescem assustadoramente: de 130 homicídios em 2000, saltou para 260 em 2010 e para 343 em 2016. Durante o governo FHC mataram-se em

média 127 LGBT por ano; no governo Lula 163 e no governo Dilma/Temer, 325. Somente em 17% desses homicídios o criminoso foi identificado (60 de 343), e menos de 10% das ocorrências redundou em abertura de processo e punição dos assassinos. A impunidade estimula novos ataques. Dentre os 60 criminosos de LGBT, lastimavelmente, praticamente a metade mantinha contatos próximos com a vítima, seja como companheiro atual (27%) ex-amante (7%) e parente da vítima (13%). Clientes, profissionais do sexo e desconhecidos em sexo casual foram responsáveis por 47,5% desses crimes de ódio.

Obviamente todos esses dados são apenas a ponta do iceberg, já que as instituições que promovem esses dados não têm uma cobertura completa de todas as violências que ocorrem no país, tendo suas bases em casos midiáticos e vivência própria. O que torna todo o tema ainda mais preocupante, já que engloba um número muito maior de vítimas que são ignoradas pelo poder público.

Em imagens, alguns casos de como a homofobia é violenta na prática:



Figura 1A – Caso de ator que foi espancado dentro e na saída de uma boate na capital de Santa Catarina. Os agressores fugiram após baterem no jovem por 10 minutos.

Figura 1B – Caso de cabeleireiro que foi espancado com pedaços de pau, capacete e até mesmo pedras em praça pública de Três Lagoas por conta de sua orientação sexual, um caso de homofobia.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Diante de todas as estatísticas demonstradas no tópico anterior, pode-se ter uma base de como a homofobia é cruel na prática, de como vidas são tiradas dia após dia por conta de uma crença popular arraigada na sociedade e na cultura.

Como foi demonstrado ao longo do trabalho, esses crimes ocorrem por vários motivos que estão de certa forma interligadas. É notório que o ser humano aprende a ser homofóbico em seu processo de socialização, um resultado de séculos de perpetração em que as relações homossexuais eram erradas, que ameaçavam a existência da família, além de ser disseminadora de doenças e uma prática depravada.

A partir de Deleuze também foi possível entender que o homem não deixará de ter uma visão subjetiva e supérflua sobre a apropriação de ideias que ele foi submetido no processo de socialização, a não

ser que alguma violência o leve a pesquisar sobre o tema, a encontrar a verdade e acabar com seu preconceito. Este não é um interesse genuíno.

A partir disso fica claro qual a melhor e mais eficaz solução para minimizar e eliminar esse preconceito da sociedade, cortando o mal pela raiz. Deste modo, o processo de socialização deveria ser principalmente em uma abolição de gênero, onde ninguém seria obrigado a desempenhar determinada função ou ser de determinado jeito simplesmente baseado em seu sexo biológico. Em suma, não existiriam “coisas de menino” e “coisas de menina”, mas simplesmente existiriam “coisas”.

Além desse processo abolicionista, um ensino de tolerância com o diferente, um respeito mútuo que deve ser construído em todos os aspectos, independentemente do quão divergente as ideias possam ser ou parecer. Pois é a partir destes aspectos que se alcançará uma convivência de paz entre as pessoas, sem violência ou discriminação de qualquer área.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo visa ser aplicado para um melhor entendimento sobre as causas de a homofobia ainda estar tão longe de acabar, embasado em como ela se perde na cultura e na normatização desse preconceito.

Claramente se encontram limitações que persistem para que o assunto seja estudado, já que muitos tem a perspectiva que é um tema batido e uma causa vencida, o que foi demonstrado com as estatísticas como uma utopia, algo que não aconteceu e está distante de ocorrer enquanto não for debatido, falado e cobrado para os poderes públicos tomarem medidas e para que a sociedade ainda presa a costumes retrógrados e intolerantes estudem e se aproximem do tema, porque algo que não é falado é impossível de se vencer.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Brasil: Forense Universitari, 2006.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. Brasil: Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Brasil: Record, 2014.



GRUPO GAY DA BAHIA. **Relatório 2016, Assassinatos de LGBT no Brasil.** Salvador,

2017.

INTERNATIONAL LESBIAN, GAY, BISEXUAL, TRANS AND INTERSEX ASSOCIATION – ILGA. **Sexual Orientation Laws in the world – Overview.** 2017.

MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS. **Relatório sobre a violência homofóbica no Brasil: Ano de 2012.** 2013.